

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA E DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Janeci Santos Pereira¹

RESUMO

O presente artigo resulta de dois projetos desenvolvidos no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ritter dos Reis - Uniritter. No primeiro estudo investigou-se a indissociabilidade do cuidar e do educar na ação pedagógica junto a crianças de zero a três anos. Constatou-se que todas as crianças estão dispostas ao novo, basta que lhes seja oferecida a possibilidade de interação com o meio, pois através da brincadeira a criança interage com o mundo que a circunda e aprende. O educador precisa ter um olhar atento, visando o desenvolvimento integral da criança. Por outro lado, é importante destacar que através das brincadeiras a criança estabelece sentido à vida. No segundo estudo e investigou-se a ação pedagógica de um professor em uma classe de crianças entre quatro a seis anos. Este aconteceu em três momentos e baseou-se no interesse de aprendizagem das crianças. Teve início com dois dias de observações realizadas na turma. Após, em um dia previamente agendado e de retorno à escola, disponibilizou-se a eles uma caixa temática, objetivando delimitar o assunto relevante à turma. Constatado o assunto de interesse organizou-se um projeto de estudo para a realização do estágio junto a esse grupo, explorando as curiosidades da turma. A partir desses estudos, confirmou-se a importância da escuta e observação atenta por parte do professor, sejam em suas falas, inquietações, indagações e atitudes. Além disso, a relevância da construção da postura investigativa na formação do pedagogo que também atua na Educação Infantil. Os trabalhos mencionados fizeram parte das disciplinas de pesquisa, propostas no terceiro e quarto semestres do curso, culminando no Trabalho Acadêmico Interdisciplinar - TAI.

Palavras-chave: Cuidar; Educar; Formação de professores.

1. Introdução

Este artigo destaca dois projetos desenvolvidos no Curso de Pedagogia. No primeiro estudo investigou-se a indissociabilidade do cuidar e do educar na ação pedagógica junto a crianças de zero a três anos. A partir das observações e necessidades da turma com idade entre quatorze e dezoito meses. A partir disso, elegeu-se um brinquedo objetivando estimular os sentidos da visão, audição e tato. Construiu-se duas caixas, de encaixes, forradas por E.V.A colorido e cada caixa continha formatos

¹Estudante do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER), Campus FAPA, em Porto Alegre, RS. E-mail: janeci.janeci@gmail.com

geométricos diferentes. Ao confeccionar os encaixes pensou-se em, não apenas provocar as crianças com os tamanhos variados, mas também trazer a elas texturas novas, com as quais elas pudessem sentir a aspereza da lixa, o macio dos tecidos a diferença do feltro e as elevações do plástico bolha. Escolheu-se fazer os objetos em formatos geométricos diferenciados, para as crianças perceberem: tamanhos, formatos, pesos, e sons variados utilizando-se de guizos dentro dos encaixes. No segundo estudo investigou-se a ação pedagógica de um professor em uma classe de crianças entre quatro a seis anos. Este realizou-se com crianças de cinco e seis anos de idade e aconteceu em três momentos baseando-se no interesse de aprendizagem das crianças. Teve início com dois dias de observações realizadas na turma. Após, em um dia previamente agendado e de retorno à escola, disponibilizou-se a eles uma caixa temática, objetivando delimitar o assunto relevante à turma. A partir disso percebeu-se que as crianças tiveram mais interesse pelos livros de dinossauros. Por conseguinte, elaborou-se um projeto denominado “Dinossauros” que abordou importantes áreas do conhecimento, tais como: ciências, geografia, história, matemática e as mais diversas linguagens delimitadas para o desenvolvimento das crianças dessa faixa etária.

2. Metodologia

A pesquisa e intervenção com crianças de zero a três anos de idade aconteceu da seguinte forma: no dia determinado, ao chegar à sala em que as crianças estavam e ao expor os brinquedos, as crianças ficaram sem reação, estagnadas. Nesse momento, passou-se a expor os objetos de encaixe, de diferentes formatos, cores, texturas, tamanhos. Ao concluir a exposição foi preciso convidá-las à exploração, para que aos poucos elas começassem a interagir com os objetos expostos. Dois deles ficaram algum tempo apenas explorando os objetos, ignorando, no entanto, as caixas de encaixes. Uma das crianças se recusava a brincar, mostrando-se retraído e se excluindo do grupo. Foi necessário intervir para que ela interagisse com os brinquedos e os colegas. Os demais reagiram de maneira imprevisível, sendo que um deles apenas ficou a tocar uma das caixas de encaixes. Para que as crianças passassem a explorar as caixas de encaixes conforme a proposta foi preciso intervenção através de sugestões a elas. Conforme foram explorando passaram a experimentar sensações diversificadas,

percepções, tanto dos espaços, formas diferenciadas, objetos, cores, sonoridades e texturas que se converteram em aprendizado.

O estágio com as crianças entre cinco a seis anos aconteceu durante uma semana. No primeiro dia de estágio, escolheu-se para a introdução do mesmo o filme "Em busca do Vale Encantado", episódio 21. Na sequência foi feita uma retomada instigando-os a recontar a história assistida. Propôs-se que eles pintassem com tinta o trajeto dos dinossauros. Separou-se a turma em dois grupos e organizou-se as mesas para a pintura dos painéis. Eles deveriam conversar entre o grupo chegando num acordo, onde eles iniciariam e onde terminariam o trajeto que os dinossauros fizeram. Depois das orientações e combinações alguns deles começaram a falar, "tinha um rio", "tinha rocha", "tinha montanha profe". Como eles abordavam cenas do meio e do final do filme solicitou-se que eles pensassem os acontecimentos iniciais do filme. Após, eles receberam figuras dos personagens do filme, as quais deveriam pintar para a construção de um jogo. Na sequência eles passaram à construção de ovos de dinossauro, utilizando como material a argila. Conforme Oliveira:

A produção criativa não é fruto apenas do olhar espontâneo da criança. Acompanhando seu fazer, podemos perceber que existe a lógica de um percurso de criação que é próprio dela, percurso fundamental para assegurar tempo necessário para as elaborações infantis e a criação original. (OLIVEIRA, 2014, p. 224).

No segundo dia dialogou-se sobre paleontologia e fósseis. Cada criança recebeu um pedaço de argila e um dinossauro de plástico para que pudessem reproduzir na argila o formato do mesmo. Enquanto eles faziam isso, o gesso estava sendo diluído com a água para colocar no espaço deixado pelo dinossauro de plástico. Antes e durante a atividade as crianças se mostraram bastante curiosas quanto ao formato final dos fósseis. Não querendo antecipar nada deixou-se em suspense aguçando ainda mais a curiosidade deles. Conforme Brasil (2010, p. 26), um dos eixos do currículo das práticas pedagógicas da educação infantil é o incentivo a "[...] curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza". Na sequência, propôs-se um jogo que consistia na compra dos dinossauros. Para isso disponibilizou-se um dado contendo apenas um e dois números em suas laterais, para que todos pudessem ter a oportunidade de jogar. Eles compraram os personagens do filme e três ovos dos dinossauros, que fora

colorido por eles no dia anterior. Após a compra das imagens colaram-nas nos painéis que eles pintaram. Segundo Smole (2007, p. 13), “enquanto brinca, o aluno amplia sua capacidade corporal, sua consciência do outro, a percepção de si mesmo como um ser social, a percepção do espaço que o cerca e de como pode explorá-lo”.

No terceiro dia, conversou-se sobre o relatório individual que deveriam ter feito dia anterior, mas não se efetivou e explicações da proposta de trabalho. Para isso receberam materiais para representarem a quantidade com os dedos das mãos. Como tinha onze personagens problematizou-se como poderiam representar com os dedos das mãos. Um deles sugeriu que colocasse mais um dedo. Foi oferecido a eles pelotines como recursos e perguntou-se sobre outras possibilidades de representação da quantidade e com isso eles fizeram a correspondência termo a termo ao colar um pelotines para cada dedo da mão e no outro que fora acrescentado. Na sequência foram conduzidos ao pátio para jogar o pula nome dos dinossauros. Nesse jogo, eles jogavam um dado contendo em suas laterais, imagens que havia no filme. Cada vez que jogavam recitavam a palavra contando os “pedacinhos” de cada palavra, nome que foi dado para as “sílabas da palavra” conforme a figura que caía. Para representar os “pedacinhos” batiam palmas e atiraram beijinho conforme a quantidade de sílabas. Segundo Brasil (1998, p. 233), “O trabalho com o espaço pode ser feito, também, a partir de situações que permitam o uso de figuras, [...] para a descrição e representação de caminhos, itinerários, lugares, localizações etc.”. Ao retornar do pátio propôs-se a eles a classificação dos dinossauros carnívoros e herbívoros. Cada grupo recebeu um cartaz, com uma marcação ao meio escrito de um lado “carnívoro” e do outro “herbívoro” e imagens de dinossauros reais. Propôs-se que os colegas ajudassem os que tinham dificuldades na classificação. Na sequência eles colaram os dinossauros nos cartazes na coluna correspondente de carnívoros e herbívoros. Contaram o total de cada coluna e registrando no final. Conforme aponta Rangel sobre o estabelecimento de relações:

O importante, portanto, é desafiar e encorajar a criança a estabelecer várias relações nas diferentes situações do seu cotidiano, tendo iniciativa, sendo curiosa e questionadora, ousando expor o seu ponto de vista e confrontá-lo com o dos companheiros de grupo. (RANGEL, 2010, S/N).

No quarto dia foi lhes proposto fazerem escavações como um paleontólogo. Para isso foi disponibilizado duas caixas com areia e pincéis, sendo uma caixa para cada grupo. Dentro das caixas estavam peças de dinossauro, de papelão,

escondidas sobre a areia que depois de montado formaria um dinossauro bidimensional. Quando eles estavam fazendo a escavação expressavam admiração e comentavam a respeito das partes que encontravam como sendo “do crânio”, “da perna”, “da pata”. Para o último dia do estágio o planejamento consistia-se em montar uma maquete. Como as crianças ainda não haviam vivenciado a experiência foi lhes explicado e demonstrado através de imagens no computador, alguns modelos de maquete prontas, como exemplo. Isso foi feito, porque havia a necessidade de antecipar a pintura, para que no dia seguinte eles pudessem montá-la. Eles escolheram o modelo que fariam através de votação. Tal como indica Freire (1983, p. 21) “[...] As propostas de trabalho que não apenas faço às crianças, mas que também com elas discuto, [...] Por isso é que, em última análise, as propostas de trabalho nascem delas e de mim como professora”.

No quinto dia eles passaram a fazer a montagem do dinossauro, bidimensional, escavado. E na sequência fizeram construção da maquete. Para a montagem da maquete foi lhes disponibilizado todo o material necessário. Conforme a maquete ia se consolidando a expectativa deles também ia aumentando e se transformando em empolgação. Os fósseis de gesso que eles haviam feito durante a semana por iniciativa própria decidiram colocá-los na maquete também. Referindo-se ao papel do professor no processo de escuta, Edwards (2016, p. 156) aponta: “Assim, o papel do professor se foca na provocação de ocasiões de descoberta por meio de um tipo de escuta atenta e inspirada e na estimulação do diálogo, da (co)ação e da (co)construção de conhecimentos das crianças”.

3. Resultados e Análises

Observando o espaço de educação infantil percebe-se, que a criança não se constitui um ser incapaz a aprendizagem, desde que a ela seja possibilitado à exploração e a interação com o meio. Conforme Lima (2003), as primeiras formas de linguagens que a criança utiliza é o movimento de seu corpo e os balbucios de sua voz. Esses movimentos podem ser iniciados pela própria criança ou por outra pessoa que a estimule.

A criança usa os sentidos para observar, assimilar e interagir com o meio proporcionando sentido a sua ação e contribuindo para a construção de significação do seu agir. Os bebês dependem totalmente do adulto e através dos estímulos que recebem

nessa faixa etária influenciará o modo como os mesmos vão se desenvolver emocionalmente, socialmente e cognitivamente, refletindo também na promoção da autonomia dessa criança.

Tal como indica Oliveira (2013, p.313), “os cuidados realizados pelo professor integram ações educativas que visam à independência da criança”. O educador acompanha todas as primeiras e novas experiências, observa seus anseios, temores e sentimentos diversificados. Nesse sentido, o educador é a pessoa mais indicada para estimular essa criança de maneira abrangente.

As crianças na educação infantil precisam vivenciar seu aprendizado, por exemplo, os bebês ao serem alimentados pela professora devem ter a oportunidade de manipular a colher usada para alimentá-los. A partir disso, estabelecem relação com esse objeto, tomando conhecimento de sua função aprendendo a se alimentar sozinhas.

O desenvolvimento do bebê também acontece quando a educadora lava suas mãozinhas, ou conta uma história estimulando a imaginação do pequeno. A troca de fraldas também se constitui um momento de interação e promoção do desenvolvimento do bebê. Isso acontece quando o educador se comunica com o bebê e esse por sua vez estabelece vínculo com essa educadora, e nesse sentido o educar e o cuidar são indissociados.

As crianças podem vivenciar e aprender que as pessoas cuidam, de diferentes formas, umas das outras, não apenas por dependência ou necessidade derivada de uma incapacidade etária ou de desenvolvimento, mas por se preocuparem umas com as outras e vivenciar nesse processo um modo privilegiado de interação social e cultural. (OLIVEIRA et al., 2013, p. 313).

Na medida em que os bebês vão crescendo, vão também experimentando sensações diversificadas. Como percepções diversas dos espaços, objetos, sabores, sonoridade, principalmente quando começam a movimentar-se e engatinhar, pois o deslocamento de seu corpo fará com que ampliem suas experiências. Tudo o que estiver ao seu alcance será objeto de sua exploração.

O brincar revela como a criança enxerga o mundo que a circunda. A criança direciona sua linguagem a si mesma, aos brinquedos, às outras crianças, aos adultos, aos personagens de contos. Segundo Lima “Na brincadeira, a criança explora as formas de interação humana, aprende a lidar com a espera, a antecipar ações, a tomar decisões, a participar de uma ação coletiva”. A criança precisa de espaço para

desenvolver sua criatividade, como, brincar de cabaninha, de túnel e tantas outras que encontram em algum lugar, mas por vezes são reprimidas por causa da “bagunça” que pode acontecer. Conforme abordagem de Lima (2003, p. 5), “para a criança, o mundo adulto é um desafio a ser entendido. A infância é, de fato, repleta de atividades próprias que são, por vezes, pouco valorizadas, incentivadas ou mesmo permitidas pelos adultos”. A criança necessita de tempo, espaço e aceitação e utiliza o que está em seu alcance para atribuir sentido ao seu aprendizado.

Durante a pesquisa investigativa visando à faixa etária entre zero e três anos foi possível perceber que as crianças não eram estimuladas e não estavam acostumadas com vivências diferenciadas visando proporcioná-las um desenvolvimento integral. No entanto, estavam abertas a essas propostas, se fossem possibilitadas a elas. A escuta atenta da professora deve abalizar os anseios e desejos da criança. Entretanto, é imprescindível que essa escuta seja disposta, sensível e ao mesmo tempo respeite o limite e o tempo de cada um.

Na pesquisa e prática junto às crianças de cinco e seis anos conclui-se que a importância da pesquisa e da prática na formação do pedagogo encontra-se na acuidade de ouvir e observar as crianças atentamente, em suas falas, inquietações, indagações e atitudes. O trabalho diário é bastante desafiador e só é possível a efetivação do mesmo, de forma a proporcionar o desenvolvimento amplo, em todas as áreas das crianças, se houver planejamento prévio. Este deverá ser bem estruturado e levando em consideração os interesses das crianças, bem como, os pressupostos teóricos das ciências que alicerçam o desenvolvimento dos conteúdos e a didática.

4. Conclusões

É imprescindível que o professor em seu planejamento tenha um olhar atento às aprendizagens da criança e a forma como esse acontece. Todas as crianças estão dispostas ao novo, basta que lhes seja oferecida a possibilidade de interação com o meio. Todos os movimentos junto aos alunos devem ser combinados previamente, pois todas as ações que partem de combinações precedentes são atendidas e respeitadas por eles. Portanto, é fundamental o embasamento teórico norteando toda a intencionalidade do educador para que haja um desenvolvimento amplo, eficaz e adequado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. 3v.: il. Volume 3: Conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192.> Acesso em: 02 dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: <
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192.> Acesso em: 02 dez. 2016.

EDWARDS, Carolyn. Professor e Aprendiz: parceiro e guia. O papel do professor. In: Edwards, Carolyn; Forman, George; Gandini, Lella. **As Cem Linguagens da Criança** – A experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 152-174.

FREIRE, Madalena. Relatório de Atividades: 1978 – fevereiro, março. In: FREIRE, Madalena. **A Paixão de Conhecer o Mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 18-27.

LIMA, Elvira Souza. A Criança Pequena e Suas Linguagens. Coleção Criança Pequena. In: Lima, Elvira Souza, A Criança pequena e Suas Linguagens: São Paulo – SP, Sobradinho, 2003, p. 2-31.

OLIVEIRA , Zilma de Moraes Ramos de. Saúde e Qualidade de vida: quando o cuidado de si e do outro constitui um eixo do trabalho pedagógico. In: OLIVEIRA, Z; (et al). **O Trabalho do Professor na Educação Infantil**. S.P.: Editora Biruta, 2013, p.310-358.

OLIVEIRA , Zilma de Moraes Ramos de. O trabalho do professor na Educação infantil. In: OLIVEIRA , Zilma de Moraes Ramos de. (org). **Práticas Pedagógicas Para Crianças de 3 a 5 anos** – 2ª Ed. – São Paulo: Editora Biruta, 2014.

RANGEL, Ana Cristina Souza. Da Construção do Número à Construção da Adição Pela Criança: Implicações Pedagógicas. In: Rangel, Ana Cristina Souza. **Matemática da Minha Vida**: 1º Ano. Pasta do Professor. Porto Alegre: NEEMI Editora, 2010. S/N.

SMOLE, Katia Stocco. Uma Primeira Conversa: Uma Proposta de Matemática para a Educação Infantil. In: Cândido, Patrícia; Diniz, Maria Igenes. **Brincadeiras Infantis nas aulas de matemática**: recurso eletrônico. Dados eletrônicos: coleção matemática de 0 a 6;1. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 9-20.